MAIZZ

A TES

VOO

vol.1

Um livro escrito por Mendes Costa, com baseando-se em cenas vividas e observadas nesse mundo de romances

Antes do Voo

A história antes da entrega

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sem autorização do autor

Autor: MaiZz

Ano e cidade: *“Luanda, 2025*

- Entre Pontes e Muros
- Música Invisível
- Luz Constante
- Entre Páginas
- Entre Páginas e Olhares
- O Garçom da Biblioteca
- O Rosto nos Meus Rabiscos
- *Um Sorriso Guardado*
- O Lugar Onde Tudo Recomeça
- Quando o Bilhete Ganha Voz
- Um Segredo Chamado Luka
- *O Livro em Aberto*

Capítulo 1 – Entre Pontes e Muros

Eu costumava achar que minha vida era feita de dias cinzentos. Não aqueles dias de chuva bonita que pedem cobertor e café quente. Não. Eram dias parados, como se o mundo tivesse tirado a cor de propósito, só para me lembrar que nada mudaria.

Acordava sempre no mesmo horário, andava pelas mesmas ruas, cumprimentava as mesmas pessoas com os mesmos sorrisos automáticos. Por dentro era um eco. Ninguém percebia porque aprendi cedo a esconder o que doía. Meu silêncio não incomodava porque era o tipo de silêncio que todo mundo tem, mas finge que não existe.

Eu não estava esperando por ninguém. Não procurava por nada. Na verdade, eu já tinha desistido dessa ideia de encontrar algo que balançasse meu chão. O amor, para mim, era uma música que parou de tocar há muito tempo, e eu já nem lembrava a melodia.

Dizem que o tempo cura tudo. Eu nunca acreditei nisso.

O tempo não cura, ele só esconde. Coloca poeira em cima das lembranças, e a gente aprende a não mexer. Mas basta um sopro, uma palavra, até mesmo um cheiro... e lá estão elas outra vez, vivas, latejando.

Eu carregava minhas cicatrizes como quem carrega joias antigas: guardadas, escondidas, mas sempre comigo. Algumas vinham de amores que não foram amor de verdade, apenas ilusões que me deixaram marcas fundas. Outras eram feridas de promessas quebradas, que ensinaram meu coração a desconfiar de qualquer brilho.

As pessoas olhavam para mim e viam calma. Eu me tornei boa em interpretar esse papel. O sorriso discreto, a postura firme, o olhar que não deixava escapar segredos. Mas por dentro eu era como um vidro trincado: ainda inteiro, mas sabendo que o próximo impacto poderia me despedaçar.

Capítulo 2 – Música Invisível

Pessoas apressadas, passos firmes, olhares que não se cruzavam. Eu caminhava entre elas como quem atravessa um mar sem nunca se molhar, mantendo distância de tudo e de todos.

As ruas tinham suas histórias — algumas gravadas nas paredes rabiscadas, outras escondidas em silêncios que ninguém ousava contar. Eu gostava de observar os detalhes: a janela aberta de madrugada, as luzes piscando nos prédios antigos, o barulho dos ônibus misturado ao som distante de alguém tocando violão em uma varanda qualquer. Era como se a cidade cantasse a música Experience, de Ludovico, triste, que só eu conseguia ouvir.

E talvez fosse isso que me fazia sentir tão só: perceber que todo mundo parecia ocupado demais para escutar. Cada rosto que passava carregava um mundo dentro de si, mas ninguém parava para se deixar ver. Eram fantasmas — e eu era apenas mais um entre eles.

Foi nesse instante que percebi: não era a cidade que estava cheia de fantasmas. Era eu que ainda não tinha encontrado quem me fizesse sentir viva outra vez. Afinal, estamos sempre procurando em outras pessoas o que falta em nós ,e eu ainda não sabia o que, exatamente, faltava em mim.

Capítulo 3 – Luz Constante

Essa questão habita em mim sem resposta. Os dias seguiam tão rotineiros, tão desertos, como se uma sombra silenciosa tivesse decidido morar em mim para sempre. Às vezes sinto vontade de me sentir viva, mas não é tão simples. Jurei para mim mesma que minhas muralhas seriam meu abrigo — e nunca as derrubaria. Porque, sempre que abri uma brecha, encontrei apenas mais dor.

Emili, minha melhor amiga, era a única que atravessava minhas tempestades sem medo. Sabia de tudo o que passei, das marcas que ainda carrego e do quanto me culpo pelas minhas falhas. O que mais me surpreendia era sua constância. Mesmo diante do meu temperamento forte, impulsivo demais, mesmo quando eu a empurrava para longe, ela voltava. Voltava porque sabia exatamente o que eu precisava — e quando precisava.

Ela não era feita de luz constante, mas de um calor que chegava quando eu mais tremia. Tinha uma paciência quase impossível, como se carregasse em si uma bússola que sempre apontava para mim, mesmo quando eu me perdia nos meus próprios labirintos. Sua lealdade não se media em palavras bonitas, mas em gestos silenciosos: ficar comigo nas madrugadas em que o silêncio pesava demais; segurar minha mão quando eu jurava não precisar; rir alto só para arrancar de mim um sorriso, mesmo quando eu ainda queria chorar.

Alguns anos atrás, uma briga com a minha família deixou cicatrizes que ainda ardem. Lembro-me dos gritos, das portas se fechando e do vazio que ficou. Mas Emili estava lá. Nunca me julgou, nunca disse “eu avisei”. Apenas se sentou ao meu lado e permaneceu, até que eu aprendesse a respirar de novo.

Dividíamos também os dias na universidade. Entre salas cheias, trabalhos em grupo e conversas nos intervalos, ela era a única que tornava aquele ambiente menos sufocante. Enquanto todos viam apenas colegas, eu via uma irmã. É estranho como certas pessoas se tornam mais do que amigas — tornam-se lar. Emili era isso, meu lar em forma de gente, a única capaz de me lembrar de que ainda era feita de algo além da dor. Mesmo quando o mundo me empurrava para o fundo, ela me puxava de volta com sua força discreta, quase invisível, mas real como um abraço que nunca se desfaz.

Naquele dia, porém, Emili não pôde ficar comigo depois das aulas. Disse que tinha um compromisso e saiu apressada, levando consigo a leveza que sempre deixava nos meus dias. De repente, fiquei com um tempo livre que não sabia como preencher. A universidade parecia grande demais quando eu estava sozinha, e o silêncio entre uma turma e outra me pesava nos ombros. Caminhei sem destino por alguns minutos. Foi então que deixei os passos me guiarem para o único lugar onde eu sempre me encontrava, onde as histórias eram contadas.

Capítulo 4 – Entre Páginas

Fui à biblioteca para escolher um livro, mas acabei me distraindo nos corredores. É curioso como as prateleiras parecem respirar histórias, como se cada lombada guardasse uma emoção pronta para saltar sobre mim. Há dias em que me sinto vazia, e nesses corredores o silêncio me enche de coisas que nem sei nomear.

Perdi a noção do tempo nesse paradoxo: quanto mais buscava um título, mais me encontrava perdida em outros. Talvez fosse esse o encanto da biblioteca — nunca entregava apenas o que você procurava.

Foi então que percebi não estar sozinha. Alguns passos adiante, alguém caminhava devagar, os olhos presos às lombadas dos livros como se também buscasse algo além de palavras.

Por um instante, pensei em recuar, em deixar o corredor para não perturbar. Mas fiquei.

Ele era um jovem adulto, alto, moreno, com um ar distraído que contrastava com a quietude ordenada da biblioteca. Os ombros largos pareciam carregar um peso invisível, mas os gestos eram leves, quase descuidados. Havia algo no modo como inclinava a cabeça para ler os títulos que me fez imaginar que não estava apenas escolhendo um livro — estava procurando uma espécie de resposta.

E ali, escondida pelo silêncio, percebi que não observava apenas um leitor qualquer, mas alguém que parecia carregar dentro de si uma história.

Fiquei. Não sei ao certo por quê, mas fiquei. Ele parecia absorvido demais para notar a minha presença, como se carregasse dentro dos olhos uma concentração que não era só sobre os livros.

Observei-o em silêncio, escondida pela curta distância do corredor. Ele passava devagar pelas prateleiras, como quem não procura apenas um título, mas algo mais profundo — talvez um pensamento, talvez uma fuga. O modo como deslizava os dedos pelas lombadas dava a impressão de que não escolhia os livros, mas os cumprimentava, um por um.

O silêncio da biblioteca parecia se inclinar ao redor dele. Havia algo diferente na forma como ocupava aquele espaço: não era apenas mais um leitor perdido entre prateleiras, mas alguém que tornava o lugar ainda mais quieto, quase solene.

Percebi então que estava a observá-lo há tempo demais. E, no entanto, não consegui desviar os olhos. Era como se, entre tantos livros, ele fosse o único capaz de contar uma história que eu ainda não conhecia.

Capítulo 5 – Entre Páginas e Olhares

Sentou-se à mesa à minha frente com naturalidade, apoiando o livro sobre a madeira como quem deposita algo importante. Abriu-o com calma, os dedos firmes e, ao mesmo tempo, leves no virar das páginas. Percorreu-as devagar, até encontrar o trecho que buscava, e então deixou o olhar repousar ali, imóvel, como se cada palavra merecesse silêncio para existir.

Era curioso como a sua presença não quebrava o silêncio da biblioteca, mas o moldava de outro jeito. Ele parecia deslocado e, ao mesmo tempo, completamente à vontade — como se fosse feito para aquele espaço, mas incapaz de se encaixar nele sem tropeçar nos detalhes.

Pegou uma caneta e deixou-a rodar entre os dedos, sem escrever nada. Às vezes erguia o olhar, perdido, como se o texto diante dele não fosse suficiente para segurar sua atenção. Nesses instantes, vi uma expressão diferente em seu rosto, uma mistura de distração e de algo que não consegui decifrar.

Percebi que estava a observá-lo demais, mas não consegui parar. Havia algo na forma como ele existia ali, diante de mim, que era mais interessante do que qualquer livro daquelas prateleiras.

Só quando ergui os olhos para o relógio da parede é que despertei do transe. A hora tinha corrido sem que eu notasse, como se o tempo tivesse se curvado ao redor daquele instante. Suspirei baixinho, fechando o livro que mal havia lido.

Levantei-me devagar, recolhi as minhas coisas e caminhei até a saída. Antes de atravessar a porta, não resisti: voltei o olhar discretamente. Ele continuava ali, imóvel diante das páginas, alheio a tudo.

Segui para casa com a sensação estranha de que não havia apenas deixado a biblioteca para trás — mas também uma história que, de algum modo, já tinha começado.

Capítulo 6 – O Garçom da Biblioteca

A noite caiu antes que eu percebesse, e quando dei por mim já estava seguindo a Emili pelas ruas iluminadas. Ela andava apressada, como se tivesse medo de que eu mudasse de ideia no meio do caminho.

— Você anda muito presa em casa, Kally. Hoje vai respirar, dançar, rir um pouco. Nem que seja à força.

— Eu tô bem assim... — murmurei, mas o sorriso dela desmontava qualquer resistência.

O destino era um barzinho de esquina, pequeno por fora, mas vivo por dentro. Luzes amareladas, música leve de fundo e vozes misturadas numa energia que me parecia distante da minha rotina. O cheiro de comida recém-feita se misturava com o perfume das pessoas e com o som dos copos se chocando.

Emili puxou minha mão, me guiando até uma mesa próxima da pista de dança.

— É aqui mesmo. Vai confiar em mim só hoje.

Quando me sentei, olhei ao redor distraída. E foi aí que meus olhos pararam. O garçom que se aproximava com o bloco de notas na mão não era um desconhecido: era ele. O rapaz da biblioteca.

Por um instante, não consegui esconder o espanto. Aquele mesmo olhar calmo, quase tímido, só que agora em outro cenário — longe dos corredores silenciosos entre livros.

— Boa noite... vão querer começar com alguma bebida? — perguntou, educado, mas percebi a surpresa escondida na forma como ele segurava a caneta.

— Duas daquelas mais coloridas que tiver. — respondeu Emili sem notar nada de estranho. — E capricha, porque minha amiga precisa esquecer que é feita de pensamentos.

Ele sorriu de leve, mas o olhar pousou em mim por um segundo mais longo do que o normal. Eu desviei rapidamente, sentindo meu coração acelerar sem motivo claro.

Quando se afastou, Emili se inclinou sobre a mesa.

— Kally, o que foi? Você ficou estranha do nada.

— Nada. Só... achei que conhecia ele.

— E conhece?

— Da biblioteca.

Ela abriu um sorriso malicioso.

— Ah, então hoje tem plot twist.

As bebidas chegaram. Ele colocou o copo dela primeiro, depois o meu, sempre com aquele jeito contido. Antes de sair, murmurou baixo, quase só pra mim:

— Não esperava te ver aqui.

Eu engoli seco, sem saber o que responder. E, pela primeira vez naquela noite, não foi a música, nem a risada da Emili, que fez meu coração sair do ritmo.

As horas no bar passaram como se alguém tivesse acelerado o tempo. Emili já tinha se levantado duas vezes para puxar gente para dançar, e eu continuava firme na cadeira, fingindo que estava completamente à vontade. Entre um gole e outro, meu olhar teimava em procurar o garçom. Eu odiava admitir, mas havia algo nele que quebrava meu escudo. Talvez fosse a forma silenciosa de existir, igualzinho na biblioteca.

Quando ele voltou para deixar mais um pedido da Emili, não resisti. Antes que se afastasse, deixei escapar:

— Você trabalha em todo lugar, é isso?

Ele parou por meio segundo, surpreso pelo comentário. Um sorriso quase imperceptível surgiu nos cantos da boca.

— Ou talvez você é que apareça nos lugares certos.

E foi embora antes que eu pudesse responder.

Emili, claro, não perdeu a deixa.

— Kally, minha querida... esse garçom aí tá te dando mais atenção do que o normal, hein?

— Não começa. — resmunguei, mas sabia que já era tarde: minha voz tinha entregado.

A música subiu, Emili me puxou pela mão, e mesmo no meio da pista, entre risadas e passos desajeitados, aquela frase continuava ecoando dentro de mim.

Quando Emili finalmente decidiu que já tinha dançado o suficiente, saímos do bar em meio a risadas arrastadas e passos meio descompassados. O ar da noite estava fresco, e a rua parecia muito mais silenciosa do que o lugar que tínhamos acabado de deixar.

— Admito, você precisava disso. Agora vai me agradecer por ter te arrastado. — disse Emili, jogando o braço sobre meu ombro.

— Obrigada, obrigada. Tá feliz? — respondi, rindo.

Ela se despediu logo depois, seguindo por outra rua, e fiquei sozinha, caminhando devagar. Foi então que o silêncio realmente me alcançou.

A frase voltou, repetida como um eco dentro de mim:

“Ou talvez você é que apareça nos lugares certos.”

Não importava quanto eu tentasse ignorar, algo naquela resposta me atravessava como se fosse um enigma deixado de propósito. Quem era ele, afinal? Por que parecia estar sempre onde eu estava?

Passei a mão pelos cabelos, frustrada comigo mesma por me deixar levar. Mas, enquanto a cidade se recolhia e as luzes iam se apagando uma a uma, tudo o que restava era a sensação de que eu precisava descobrir.

Capítulo 8 – Um Sorriso Guardado

As horas passaram arrastadas na universidade. No fim do dia, fechei o caderno e segui para a saída, tentando me convencer de que era só mais uma tarde normal.

Enquanto caminhava pelos corredores, distraída, alguém se aproximou. Um estudante que eu mal reconhecia, talvez só um rosto que já tinha cruzado outras vezes sem notar. Ele não disse nada, apenas estendeu um pequeno bilhete dobrado e saiu, antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa.

Curiosa, abri o papel ali mesmo. A caligrafia era firme, inclinada, com poucas palavras:

“Você tem um sorriso bonito demais para esconder.”

Meu coração disparou.

Parei por alguns segundos, olhando em volta, como se fosse possível encontrar a resposta em meio à multidão de alunos que passavam. Mas nada.

Dobrei o bilhete com cuidado, guardando-o no bolso como se fosse algo precioso demais para ser perdido.

E enquanto caminhava para casa, uma dúvida crescia dentro de mim:

Será que foi ele?

Naquela noite, deitada na cama, segurei o bilhete mais uma vez entre os dedos.

“Você tem um sorriso bonito demais para esconder.”

As palavras ecoavam dentro de mim como se tivessem sido escritas direto na minha pele.

Não era só o bilhete. Era ele.

O homem da biblioteca, o garçom no bar... o mesmo rosto que parecia sempre aparecer quando eu menos esperava. Olhos castanhos tão escuros que pareciam esconder segredos, e aquele sorriso leve, quase indecifrável.

Fechei os olhos e me perguntei: quem é ele?

Um acaso que se repetia? Ou alguém que orbitava a minha vida por um motivo maior?

De repente, conhecer aquele homem misterioso deixou de ser apenas um detalhe curioso. Virou uma necessidade.

Eu precisava descobrir.

Capítulo 9 – O Lugar Onde Tudo Recomeça

Na manhã seguinte, ignorei o caminho habitual da sala de aula. Minhas pernas, quase por conta própria, me levaram de volta ao ponto onde tudo começou: a biblioteca.

O silêncio me recebeu como um velho cúmplice. As estantes, alinhadas como guardiãs de segredos, pareciam observar minha hesitação. Sentei no mesmo lugar em que o tinha visto pela primeira vez, o mesmo lugar onde aquele olhar discreto mudou tudo sem dizer uma palavra.

Tirei o bilhete do bolso, abrindo-o mais uma vez. Passei os dedos pelas palavras como se o papel pudesse responder.

“Você tem um sorriso bonito demais para esconder.”

Respirei fundo. Se ele tinha aparecido ali uma vez, poderia aparecer de novo.

E, pela primeira vez, não queria apenas encontrá-lo por acaso. Queria que ele me visse também.

Balancei a cabeça, quase rindo sozinha.

— Pareço uma louca querendo saber sobre um desconhecido — murmurei, baixinho, como se as estantes pudessem rir de mim também.

Mas, mesmo assim, fiquei.

A cada passo que ecoava entre as prateleiras, meu coração acelerava, esperando que fosse ele. A cada sombra que passava perto da mesa, eu levantava os olhos, ansiosa, decepcionada em seguida.

E ainda assim, não consegui ir embora.

As horas foram passando, arrastadas, e nada.

O silêncio da biblioteca, que no início parecia cúmplice, agora soava como uma provocação.

Olhei para o bilhete mais uma vez, já sem a mesma esperança de antes. Talvez eu estivesse mesmo a fantasiar demais. Suspirei, recolhendo o caderno e guardando as coisas na mochila.

— Chega. — murmurei para mim mesma, tentando convencer o coração de que não fazia sentido continuar.

Levantei-me e caminhei em direção à saída. Cada passo era pesado, como se estivesse a abandonar não só a biblioteca, mas também aquela possibilidade que eu ainda não entendia.

E então, quando toquei a porta para sair, ele entrou.

Meu corpo congelou. O coração, antes pesado, disparou como se quisesse escapar do peito.

Por um instante, o tempo não correu. O ar ficou suspenso entre nós, e o mundo inteiro se calou.

Capítulo 10 – Quando o Bilhete Ganha Voz

Por um instante, esqueci até de respirar.

A porta ainda entreaberta, eu parada ali, encarando o improvável.

Ele entrou, e nossos olhares se encontraram como se o mundo tivesse diminuído para caber apenas naquele espaço estreito.

Dessa vez, não houve silêncio pesado. Ele sorriu. Um sorriso simples, fácil, como se me conhecesse há muito tempo.

— Acho que você deveria sorrir mais — disse, com a mesma naturalidade de quem comenta sobre o clima.

Meu coração disparou. Segurei a alça da mochila com força, tentando disfarçar o nervosismo.

Era ele. E, de repente, o bilhete deixou de ser só palavras num papel: agora tinha voz, tinha rosto, tinha presença.

Não consegui responder. Apenas senti os lábios tremerem, ameaçando o sorriso que ele parecia querer arrancar de mim.

Ele então estendeu a mão, confiante, mas sem pressa:

— Luka.

O nome ficou suspenso no ar, simples, direto, mas forte o bastante para cravar raízes dentro de mim.

Sem pensar, senti as palavras escaparem dos meus lábios antes que a razão pudesse impedir:

— O que está acontecendo comigo? — murmurei quase sem voz, surpresa pela coragem repentina.

Respirei fundo, tentando disfarçar, e completei, ainda trêmula:

— Me apresentei... Kally. Chamo-me Kally.

A mão dele continuava estendida, esperando a minha.

Por um instante, hesitei. Era só um gesto simples, mas parecia carregar um peso imenso, como se ao tocar sua pele eu estivesse atravessando uma fronteira invisível.

Por fim, deixei que meus dedos alcançassem os dele. O aperto foi firme, mas ao mesmo tempo despreocupado, como se dissesse que eu podia relaxar.

— Prazer, Kally — disse Luka, sorrindo de um jeito que parecia desmontar qualquer defesa.

— Prazer... — respondi baixo, quase engolindo as palavras.

Ele riu levemente, inclinando a cabeça.

— Você sempre fala assim baixinho ou é só comigo?

Senti o rosto esquentar. Baixei os olhos, sem saber se ria ou se inventava uma resposta qualquer.

— Eu... não sei — murmurei.

— Então acho que vou ter que descobrir — disse ele, com a naturalidade de quem não tinha pressa alguma.

Meu coração batia tão rápido, eu não entendia o porquê.

E, ainda assim, pela primeira vez em muito tempo, eu quis sorrir de verdade.

Capítulo 11 – Um Segredo Chamado Luka

Ele me observou por alguns segundos, ainda com aquele ar tranquilo que me desarmava, e então disse:

— Sabe... essa já é a terceira vez que a gente se encontra assim.

Arregalei os olhos, surpresa por ele também ter contado.

— É... eu percebi.

O sorriso dele se alargou, quase divertido:

— Isso é normal por aqui? Ou será que a gente tem algum tipo de... coincidência marcada?

Não consegui responder de imediato. Era como se as palavras ficassem presas entre a vontade de rir e o medo de dizer demais.

Coincidência?... parecia coincidência, sim. Mas dentro de mim havia algo maior, uma necessidade silenciosa de saber mais sobre ele. Quem era Luka? O que escondia por trás desse jeito leve, desse sorriso fácil?

Lembrei do que já tinha pensado antes: ele parecia uma história que eu ainda não conhecia. E talvez fosse exatamente isso que me deixava assim — perdida entre medo e fascínio.

Uma história viva, andando diante de mim, e eu querendo virar as páginas sem deixar que ele percebesse.

Mas não podia demonstrar. Se ele soubesse o quanto já me intrigava, talvez perdesse a graça.

O que está acontecendo comigo?

E quanto mais o via, mais crescia essa vontade de descobrir o que havia nas páginas seguintes.

A pergunta escapou antes que eu pudesse segurar:

— Quem é você?

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso, mas um sorriso leve logo surgiu no rosto.

— Eu? — riu baixinho. — Só alguém que parece ter o hábito de aparecer nos mesmos lugares que você.

Desviei o olhar, sem saber se ria ou se me escondia. Por dentro, no entanto, a verdade queimava: não era apenas coincidência.

Eu queria saber mais. Só não queria que ele soubesse o quanto.

Ele parecia ler nas entrelinhas do meu silêncio, como se cada gesto meu fosse um parágrafo aberto diante dele.

— Curiosa... — murmurou, quase para si mesmo, mas o suficiente para me atingir em cheio.

Senti o coração acelerar, denunciando o que eu tentava esconder. Queria responder, mas as palavras travaram na garganta. Então apenas sorri, um sorriso contido, como quem segura um segredo.

Ele inclinou-se levemente, como se prestes a revelar algo importante, mas recuou no instante seguinte, deixando apenas um rastro de mistério no ar.

— Talvez um dia você descubra — disse, antes de voltar a se encostar na cadeira, como se o jogo tivesse apenas começado.

Capítulo 12 – O Livro em Aberto

O silêncio que se seguiu não foi desconfortável; foi denso, cheio de perguntas que ecoavam mais alto do que qualquer resposta poderia.

— E se eu não quiser esperar? — arrisquei, minha voz mais baixa do que imaginei.

Ele ergueu o olhar, os olhos castanhos mergulhando nos meus como se buscassem algo escondido lá dentro. Um instante longo demais para ser apenas acaso.

— Então vai ter que correr o risco.

A frase pairou no ar, deixando meu coração em descompasso.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele se levantou devagar, recolheu os livros e, com um último olhar, simplesmente partiu.

Fiquei ali, imóvel, com a estranha sensação de que tinha acabado de abrir um livro cujo final ainda estava distante demais.

E naquele vazio que ele deixou, compreendi uma verdade inevitável: essa história não terminaria ali.

Pelo contrário, estava apenas começando.

Diagramação: Cláudia Armando

MaiZz apresenta o início de um romance contemporâneo, centrado na jornada emocional de uma protagonista que se sente desconectada do mundo e de si mesma. A narrativa é construída de forma introspectiva e poética, explorando temas como a solidão, o medo de se abrir para novas experiências e o poder transformador de um encontro inesperado.

Instagram: maizz 3386